

## SEÇÃO ARTIGOS

**GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S):  
espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em  
Manaus-AM**

**GEOGRAPHY(IES) OF THE STILT HOUSE(S):  
spatialities, housing precariousness and living among urban stilt houses in Manaus-AM**

**GEOGRAFÍA(S) DE LO(S) PALAFITO(S):  
espacialidades, precariedad habitacional y convivencia entre palafitos urbanos en  
Manaus-AM**

 [Matheus Vieira Areb<sup>1</sup>](#)

Universidade Federal do Paraná (UFPR),  
Paraná, Brasil  
e-mail: matheusvareb@gmail.com

### Resumo

A ocupação dos igarapés<sup>2</sup> urbanos é peça-chave para compreensão dos processos de produção da cidade de Manaus (AM). Partindo de aspectos históricos mais amplos, buscou-se a partir de Manaus (AM) e das casas de palafitas apontar características dessa tipologia habitacional e sua base geográfica no espaço urbano. O objetivo do trabalho é apresentar aspectos geográficos das palafitas urbanas a partir do caso de Manaus-AM. Especificamente, busca-se (1) analisar as transformações históricas antigas até as atuais, passando pela inserção dessas casas no urbano e (2) identificar as experiências próprias dos moradores enquanto casas do possível-habitar na relação cidade-natureza. Como procedimentos, as reflexões são apresentadas com base em revisão bibliográfica, além de trabalho de campo em área de palafitas no bairro de Educandos, ao qual foram empregadas observações e entrevistas com atenção à produção social dessas casas. A manifestação da “palafitarização” é um processo socioespacial pelo conteúdo geográfico no qual as palafitas têm sua gênese e continuidade através de espaços intersticiais. Constatou-se que a experiência palafítica é singular por estar em área limítrofe água-terra, e que essa singularidade se traduz na agência das águas no impacto na casa e na vida. Palafitas, como expressão da cultura, também são produto social que revelam as contradições do habitar no espaço urbano manauara.

### Palavras-chave:

Geografia urbana; Habitação; Manaus; Palafitas; Precariedade habitacional.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (PPGEO/UFPR). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM). Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Membro do Núcleo de Pesquisas Urbana e Regional/NPUR (UEA/CNPq).

<sup>2</sup> Palavra de origem indígena Tupi que significa “caminho de canoa”. Os igarapés são médios ou pequenos cursos d’água. Na Amazônia, os igarapés tem uma importância ambiental, social e cultural e fazem historicamente parte da sociedade como espaços de lazer, sociabilidade, navegação e moradia.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

# Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

## Abstract

The occupation of urban streams is a key element for understanding the production processes of the city of Manaus (AM). Starting from broader historical aspects, it was sought to point out characteristics of this housing typology and its geographical basis in the urban space from Manaus (AM) and the stilt houses. The objective of this work is to present geographic aspects of urban stilt houses from the case of Manaus-AM. Specifically, it seeks to (1) analyze the historical transformations from the past to the present, through the insertion of these houses in the urban area and (2) identify the residents' personal experiences as houses of the possible-to-inhabit in the city-nature relationship. As procedures, the reflections are presented based on a bibliographical review, in addition to field work in an area of stilt houses in the Educandos neighborhood, to which observations and interviews were used with attention to the social production of these houses. The manifestation of "stilt-housification" is a socio-spatial process due to the geographical content to which the stilt houses have their genesis and continuity through interstitial spaces. It was found that the stilt housing experience is unique due to the fact that it is in an area bordering water and land and this uniqueness is translated into the intervention of the waters impacting the house and life. Stilt houses, as an expression of culture, are also a social product that reveal the contradictions of living in Manaus' urban space.

## Keywords:

Urban geography; Habitation; Manaus; stilt houses; Housing precariousness.

## Resumen

La ocupación de los arroyos urbanos es un elemento clave para la comprensión de los procesos de producción de la ciudad de Manaus (AM). Teniendo en cuenta aspectos históricos más amplios, buscamos señalar características de esta tipología de vivienda y su base geográfica en el espacio urbano, a partir de Manaus (AM) y los palafitos. El objetivo de este trabajo es presentar aspectos geográficos de palafitos urbanos a partir del caso de Manaus-AM. Específicamente, busca (1) analizar las transformaciones históricas de lo antiguo a lo actual, a través de la inserción de estas casas en el área urbana y (2) identificar las propias experiencias de los residentes como casas de lo posible-habitar en la relación ciudad-naturaleza. Como procedimientos se presentan las reflexiones a partir de revisión bibliográfica, además de un trabajo de campo en un área de palafitos del barrio Educandos, para lo cual se utilizaron observaciones y entrevistas con atención a la producción social de estas viviendas. La manifestación de la "palafitorización" es un proceso socioespacial debido al contenido geográfico al que tienen su génesis y continuidad los palafitos a través de espacios intersticiales. Se encontró que la experiencia de palafito es única porque se encuentra en un espacio limítrofe de agua-tierra y esta singularidad se traduce en la agencia de las aguas en el impacto sobre la casa y sobre la vida. Palafitos, como expresión de la cultura, son también un producto social que revela las contradicciones de vivir en el espacio urbano de Manaus.

## Palabras clave:

Geografía urbana; Alojamiento; Manaos; Palafitos; Precariedad habitacional.

## Introdução

As palafitas — casas de madeiras que se estendem pelas águas — compõem a cena urbana e rural das cidades amazônicas. Na cidade de Manaus, desde a década de 70, com maior intensidade, as margens de igarapés se tornaram lugar da moradia através de palafitas que se

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

estendem adensadas por cima dos canais fluviais urbanos (Oliveira; Costa, 2007). Esse processo expõe a reprodução desigual do espaço urbano de Manaus em que a paisagem, envolta pelo ambiente, ao qual as palafitas urbanas se encontram, revela variáveis que indicam a precarização da vida em várias ordens.

A problemática habitacional em Manaus tem na “exclusão territorial” (Barbosa, 2017) sua base espacial-social. A lógica capitalista da terra-mercadoria é a que rege o lugar das classes na cidade. A apropriação desigual do espaço urbano leva alguns grupos a participarem “precariedade da vida urbana e da sociedade de consumo” (Sposito, 2018, p. 129). A precariedade é a definição usada para as tipologias habitacionais das palafitas, usada no sentido de baixa infraestrutura material e vulnerabilidade social (Sakatauskas, 2016).

As especificidades das palafitas permitem compreender que as diferenças dessa tipologia expressam uma relação estreita entre cultura-ambiente, as quais histórica e geograficamente produziram especificidades nessas formas de habitar — diferenças de práticas espaciais que se traduzem na produção de espacialidades próprias, ou seja, uma geografia própria no que se refere a posição dessas casas entre terra-água. Surge a proposta de pensar em “geografia(s) da(s) palafita(s)”, que se propõe(m) a refletir sobre um ambiente específico de um entrelaçamento entre cultura-natureza e cidade-ambiente, de espacialidades específicas em meio a necessidade do habitar no urbano. A argumentação sugere pensar a particularidade das palafitas urbanas como solução precária através da noção de “palafitarização”, ou seja, sujeição à necessidade de autoconstrução de palafita para habitar na cidade.

As espacialidades nesse meio são marcadas pelo ritmo da natureza e ao mesmo tempo da vida, trabalhando em uma temporalidade das atitudes regidas pelo ritmo das águas. Para compreensão desse processo, o objetivo do trabalho é apresentar aspectos geográficos das palafitas urbanas a partir do caso de Manaus-AM. Especificamente, se busca (1) analisar as transformações históricas antigas até as atuais, passando pela inserção dessas casas no urbano, e (2) identificar as experiências próprias dos moradores enquanto casas do possível-habitar na relação cidade-natureza.

A pesquisa se insere dentro dos estudos habitacionais urbanos — em específico, a questão das palafitas a partir da cidade de Manaus. Entende-se que a especificidade das

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

moradias amazônicas requer uma discussão ao nível local, portanto destaca-se uma análise de trabalhos acadêmicos regionais, como da cidade de Belém e em Manaus, que consideram a relação rio-cidade em suas discussões para pensar a abrangência do processo em termos regionais, já que as águas que banham as cidades na Amazônia possuem centralidades em diversos processos. A pesquisa contou com observações de campo em palafitas na área urbana de Manaus, localizadas às margens do Igarapé de Educandos, no bairro de Educandos, na zona sul da capital (AM).

A argumentação apresenta (1) as formas históricas das palafitas em áreas geográficas diferentes, passando pela (2) necessidade de pensar sociedade-natureza em termos não dicotômicos para as palafitas, (3) aspectos geográficos para compreensão da produção de palafitas urbanas em Manaus e (4) a “palafitarização” como termo que expressa a construção de uma parte da vida entre rio-cidade com múltiplas experiências. Não se pretende propor a investigação da totalidade do fenômeno em todas as suas frentes, entendendo que a discussão acerca das palafitas pode ser explorada por inúmeras áreas e perspectivas, mas defende-se que uma “geografia das palafitas” busca afirmar um processo em curso de construção de espacialidades próprias que vão muito além do discurso da precariedade, que evidencia também a necessidade de se pensar esses espaços com atenção frente às diversas formas de estratégias empregadas para tornar a habitação possível em áreas inundáveis.

### **O que são palafitas urbanas?**

Palafitas são tipos arquitetônicos de casas construídas sobre estacas de madeira, comumente adaptadas a áreas fluviais-úmidas<sup>3</sup>. A capacidade adaptativa humana tornou essa forma passível de ser encontrada em vários continentes como resultado do desenvolvimento da técnica de populações que viviam em típicos ambientes úmidos: ilhas, pântanos, mangues, deltas, lagos, rios e áreas litorâneas costeiras.

---

<sup>3</sup> Em alguns contextos, palafitas também podem ser encontradas em áreas de terra firme, seja pela cultura construtiva ou para aproveitamento de espaço embaixo da casa para algum fim. Entretanto, seu modo de construção está majoritariamente ligado a contextos fluviais.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

A origem dessa forma de habitar é datada por Navarro (2022, p. 87) através de antigos registros de “assentamentos que evidenciam a transição do Neolítico para a Idade do Bronze (ca. 5000 a 500 a.C.) na Europa”. No continente americano, sobretudo na porção da América Latina, as palafitas são identificadas desde a idade Pré-colonial. As estruturas palafíticas foram estratégicas e ainda hoje em distintas regiões, “a tipologia serve para defesa de animais selvagens, inimigos e subidas das marés” (Geissler; Loch; Oliveira, 2007, p. 3). Algumas das formações coletivas de palafitas apresentaram estruturas semelhantes mesmo em regiões geográficas diferentes, como entre os Catío da Colômbia, os Warao da Venezuela e os grupos que habitavam na baixada maranhense. Registros desses povos revelaram estruturas palafíticas entre sete e oito metros de altura (Navarro, 2022, p. 114). Essas construções arquitetônicas, hábitos aquáticos e a cosmologia ao redor das águas estiveram presentes ao longo das densas populações palafíticas que habitaram ao longo da parte norte da América Latina.

Esse percurso histórico reflete a adaptação da habitação em espaços alagáveis a fim de poder aproveitar os benefícios de estarem junto a fontes e rios, mantendo-se através da fertilidade desses espaços e de animais aquáticos. Isso se dá não somente em função da manutenção alimentar, mas também por conta de a localização junto a córregos fornecer a possibilidade de mobilidade por longas distâncias através de barcos. A história das palafitas na América Latina demonstra que a necessidade de se estar junto aos cursos de água marcou fortemente a cultura de algumas etnias, as quais destacam-se pelo próprio nome, como os Warao, que têm em sua tradução o sentido de “povo da água” ou “povo da canoa”.

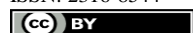
Os Warao são habitantes do Delta do Orinoco, na Venezuela, e estão distribuídos por outras áreas na América do Sul. Esse grupo indígena é conhecido pelo desenvolvimento de uma “cultura da palafita”, visto que suas formas de moradia são marcadas pela construção de casas erguidas em cima de troncos na área interna do Delta. Viajantes do século XVI, “descreveram os Warao vivendo tanto em terra firme como em estacas sobre a água nos lagos e rios dos pântanos interiores do delta” (Roosevelt, 2022, p. 471). Não apenas a forma da moradia expressa sua relação com as águas, mas também a locomoção em canoas que, aliada à estrutura da casa, permite um melhor acesso aos córregos. Além disso, esse povo tem “sua subsistência principal nos abundantes peixes de rios e riachos. [...] coletam caranguejos, mariscos e

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

tartarugas” (Roosevelt, 2022, p. 473), o que mostra a construção de um mundo das águas dominado por esse grupo, garantindo a eles o nome de “palafiteiros”.

Saindo da Venezuela, entrando no território Amazônico, os registros dos relatos dos exploradores evidenciaram inúmeros grupos “palafiteiros” ao longo da Bacia Amazônica. Navarro (2022, pp. 97-99) aponta, através dos trabalhos de cronistas que adentraram os rios da região e pesquisadores (Vásquez, 1551; Porro, 1992; Nimuendajú, 1948), a presença de aldeias de palafitas dos povos de grupos dos Omaguá no alto Solimões, Yurimangá e Tikuna, no Rio Solimões.

Na parte oriental da América do Sul, os povos da baixada maranhense viviam de modo semelhante. Os sítios arqueológicos encontrados ao longo da Bacia do Turiaçu são importantes registros de “sítios palafíticos” de povos que viviam nas chamadas “estearias” sobre as águas (Navarro *et al.*, 2017, p. 872). Esses assentamentos pré-coloniais deixaram estacas que podem ser visualizadas no baixar das águas, “sendo que os vestígios materiais de ocupações pré-históricas semelhantes parecem existir somente no Maranhão” (Navarro *et al.*, 2017, p. 872). Os padrões de assentamentos revelavam hierarquias nas construções das estearias entre espaços residenciais e espaços coletivos (Navarro, 2022, p. 112), construídos “dentro de rios e de lagos pleistocênicos [...]” (Franco, 2012; Navarro, 2013; Ab’Saber, 2006 *apud* Navarro *et al.*, 2017, p. 872).

Atualmente, quando se refere à localização das palafitas, existem diferenças que remetem às contradições dessa forma de construção em um mesmo território. Navarro (2022, p. 89) afirma que “moradias sobre palafitas são comuns até os dias de hoje. A maioria está localizada na Amazônia e estão situadas em áreas ribeirinhas ou várzea de florestas tropicais”. O autor aponta que as palafitas no meio rural são uma “adaptação ecológica”, fruto de uma cultura arquitetônica de longa duração que expressa uma relação cultura e ambiente baseada no regime das águas, mobilidade e produtos rio-floresta. Essa mesma cultura palafítica dos ribeirinhos difere das palafitas encontradas no meio urbano. Essa diferença é fundamental na compreensão de dois mundos palafíticos diferentes em uma mesma região. Se a cultura palafítica ribeirinha é adornada pela floresta, relação com as águas e apropriação e uso das águas como mobilidade, abastecimento de peixes e fonte da vida, as palafitas urbanas estão

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## **Ensaio de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

envoltas pelos canais poluídos, localizadas em encostas de risco e intensa degradação ambiental, bem como vulnerabilidade social, principalmente nas capitais Belém e Manaus, que foram centros de atração populacional por oferta de trabalho e serviços em relação às cidades menores no interior dos estados.

As pesquisas que tratam das palafitas nas cidades amazônicas apontam para esse movimento no qual as palafitas, ao adentrarem o território urbano, se inserem dentro de outra lógica e adquirem características específicas, a citar, trabalhos da capital Belém (PA), como na comunidade ribeirinha urbana Vila da Barca e os projetos habitacionais de substituição das palafitas por conjuntos habitacionais (Menezes; Perdigão, 2021; Silva *et al.*, 2018; Rocha; Tancredi; Santos, 2018), transformações urbanísticas no bairro da Sacramento (Mendes; Chagas, 2022) e projetos de revitalização de margens ao longo da Bacia da Estrada Nova, periferia alagada de Belém (Leão, 2017), além de demais textos que mostram o cotidiano das habitações em áreas úmidas na área urbana de Belém (Soares; Silveira, 2022; Pimentel *et al.*, 2012).

Na capital Manaus (AM), cidade entrecortada por densas bacias fluviais, as primeiras palafitas em áreas urbanas datam do “final do século XIX e ou início do século XX” (Valle, 1999 *apud* Barbosa, 2017, p. 62). As palafitas urbanas em Manaus estão ligadas à questão de acesso à moradia. A intensificação da presença dessas moradias na cidade se deu após o início da crise da borracha. Com o intenso fluxo de migrantes para a capital após 1920, as palafitas se tornaram uma solução de moradia precária, o que se afirmou ainda mais intensamente para aqueles com baixos salários ou desempregados a partir da implantação da Zona Franca de Manaus<sup>4</sup>, após 1967. Atualmente, pesquisas na cidade evidenciam que a lógica urbano-econômica degradadora da natureza, expressa na contínua poluição dos canais fluviais, modifica a paisagem urbana (Oliveira, 2003, p. 29), criando áreas de palafitas precárias em que o cotidiano dos moradores é marcado por inundações, perdas de bens, acidentes, cheiros fétidos

---

<sup>4</sup> A Zona Franca de Manaus foi criada em 1967 a partir dos planos econômicos dos governos militares que pensaram em uma zona de livre comércio com incentivos fiscais para que empresas multinacionais se instalassem na região. A medida propunha domínio territorial na região amazônica e desenvolvimento regional.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



## **Ensaio de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

e perigos de várias ordens (Ramos; Silva; Lima, 2022; Areb, 2022; Corrêa, 2022; Calderipe, 2017; Iribarrem; Calderipe, 2020; Barbosa, 2017; Maciel, 2016; Oliveira, 2007).

Essa cultura da palafita que marca presença nas margens dos rios das cidades amazônicas tem sua especificidade regional, que está ligada ao ambiente. Assim é estabelecido o “tipo palafita amazônico” (Menezes; Perdigão, 2021, p. 47). A especificidade dessa tipologia habitacional está em que o sentido arquitetônico da casa não tem um fim em si próprio, mas está ligada ao seu meio. No caso das palafitas tradicionais da Amazônia, a casa ocupa um espaço entre rio-floresta e tem sua estrutura adaptada entre esses dois domínios.

Foi preciso retornar às palafitas pretéritas para entender as atuais — seu nexo temporal faz das palafitas não apenas adaptadas às águas, mas também ao tempo. Nesse sentido, é possível compreender as palafitas urbanas como tipos habitacionais de arquitetura vernacular, de estrutura historicamente adaptadas às áreas úmidas e inundáveis, incorporadas ao meio urbano, resultado da desigualdade no acesso a casa/terra que se manifesta a partir das áreas úmidas, espaços de precariedade habitacional, com estrutura adaptada sobre estacas de madeira que se encontram entre rio-cidade, incorporando atitudes referentes a estes dois domínios.

### **Sociedade *versus* Natureza?**

Importante perspectiva na reflexão teórica acerca das cidades amazônicas é a ideia sobre como a natureza está envolvida na produção do espaço, já que os rios e a floresta são as grandezas que cercam as cidades. Em função de uma lógica tecnicista do pensamento urbano, é possível que haja uma tendência em se pensar a dicotomia sociedade *versus* natureza na Amazônia, como uma oposição entre técnica-ambiente na qual a natureza deve ser dominada mais do que integrada<sup>5</sup>. Apesar de na Amazônia os planos governamentais econômicos das décadas de 60 não conjugarem a natureza a seu modo de desenvolvimento local, as relações com o ambiente progressivamente se desenvolveram no plano da vida.

---

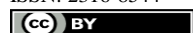
<sup>5</sup> Essa postura dicotômica transparece a partir de um modelo de urbanização que nega o acesso à água aos cidadãos urbanos da Amazônia. Aquilo que Bordalo (2017, p. 134) chama de “paradoxo da água” é na verdade uma crise “decorrente do baixo investimento financeiro e tecnológico”, ou seja, consentida. Outra faceta dessa ideia é não tratar os canais fluviais urbanos em sua dimensão natural, mas assumir os atos de canalizar e aterrar como soluções técnicas dentro da cidade, perdendo seu sentido natural e sendo tratados como objetos a serem superados (COSTA *et al.*, 2021, p. 266).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

A partir da cidade de Manaus, Oliveira (2003, p. 139) afirma que, a despeito do urbanismo que se impôs historicamente na capital amazonense, baseado na importação de “significados exógenos” à cidade que eram “quase sempre descolados das especificidades culturais e naturais”, o cotidiano mostrou verdadeiras resistências de apropriação do ambiente envolvendo sua vida, inclusive com as águas, através das práticas espontâneas. Os Igarapés na cidade de Manaus eram, até a década de sessenta, “não apenas para a realização de atividades como lavar roupa, apanhar água, pescar, mas também para a realização da festa” (Oliveira, 2003, p. 148). Algumas destas práticas tornaram-se pretéritas ou passaram por transformações. Entretanto, a aproximação com as águas ainda é parte do cotidiano de quem habita a cidade, que tem nos rios seus deslocamentos entre interior-capital. Também se dá pelas águas o deslocamento entre margens-flutuantes, através dos tradicionais catraieiros encontrados na Rua Manoel Urbano, no bairro de Educandos (zonal sul), dos pescadores que trazem seus peixes para abastecer as feiras da cidade, como a Panair, localizada às margens do Rio Negro, ou direto com os próprios transeuntes de seus barcos no porto do Centro de Manaus. Há ainda a permanência do rio como banho. Mesmo que as práticas se deem em regiões mais distantes da área central urbana, prevalece o banho nas praias, igarapés e flutuantes (Nogueira, 2021).

Demais cidades amazônicas como Baião, Cameté e Mocajuba, no Nordeste paraense, são exemplos de “cidades da floresta”, termo utilizado por Trindade Júnior (2021, p. 95) para definir cidades que “não perderam seus vínculos orgânicos com os valores da floresta, e dessa maneira, apresentam uma configuração espacial híbrida do ponto de vista das formas e dos conteúdos que resguardam”. Essas espacialidades podem ser vistas na paisagem urbana como equipamentos e infraestrutura a serviço da população, em que a funcionalidade se articula ao ambiente, servindo às necessidades locais, como “trapiches, em feiras, na beira-rio, em bairros rururbanos, nos terreiros das habitações, na tipologia das moradias, nos tipos de mobilidade intra e interurbanas” (Trindade Júnior, 2021, p. 95).

As cidades da Amazônia apresentam relações com os rios e (ou) as florestas, através das práticas do cotidiano, de modo que “[n]o âmbito da produção do espaço urbano, o cotidiano aponta para a superação da linearidade imposta por urbanismo concebido como mero desdobramento da lógica do mercado” (Oliveira, 2003, p. 138). Essas relações se apresentam

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

através de conteúdo-forma, criando uma “particularidade socioespacial” (Trindade Júnior, 2021, p. 92).

Esse entrelaçamento deve ser analisado a cada ponto de encontro entre cidade-natureza, pois essas relações não se dão de maneira linear, quanto menos em continuidade harmônica. É necessário analisar os “interstícios das relações instaladas na região” (Trindade Júnior, p. 103). Os modos de encontro e apropriação da natureza dentro do espaço urbano das cidades amazônicas têm especificidades. De um lado, as socioespacialidades que se criam nos levam a “evitar a ruptura com a natureza, expressa na interação cotidiana herdada de muitos anos” (Trindade Júnior, 2021, p. 104). Como já mencionado, essas culturas se expressam através das plantações de várzea, trânsito pelos rios, no banho nos igarapés, nos festejos de santos e padroeiros que vêm pelos barcos através das águas e seguem pela cidade até a Igreja, nos contos dos seres das florestas e das águas e no alimento que vem do rio e da floresta. Assim, se tem a cidade da floresta em uma íntima relação com o ambiente, que “[c]ompõe um microcosmo urbano, sinônimo de adaptações, resistências e interações” (Trindade Júnior, 2021, p. 94). Nessas posturas é que se sobressai a especificidade dessas cidades, com hábitos conjugados com a natureza ao lado de sociabilidades presentes. Essas populações participam em diferentes gradações, capital ou interior vislumbram de maneiras ora iguais e diferentes esse processo, como afirma Trindade Júnior (2021, p. 94), “[n]atureza e cultura constituem juntas uma espécie de urbanismo caboclo, composto por formas simples que diferenciam e com conteúdos complexos” (Trindade Júnior, 2021, p. 94).

Há outra face que evidencia a complexidade desse processo. A relação negativa degradadora entre cidade-natureza se apresenta quando o urbanismo tecnicista de impõe — o urbanismo do concreto, do alargamento, aterramento, onde as águas não têm vez. O urbanismo do lucro conjugado à industrialização não socialmente pensada dos espaços amazônicos resultou e resulta na degradação da natureza. No âmbito do capitalismo as relações cultura e natureza são alteradas, formando um encadeamento da degradação que relega as classes mais pobres a um contato com o produto (natureza transmutada) do capitalismo poluidor. Aliado a isso está o modelo de governança que tem como moto a técnica com ruptura do urbano-natural.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Desse processo, emerge a precariedade urbana, periferias segregadas, áreas alagadas, risco ambiental e deslizamentos como parte da cidade.

É possível compreender que não há determinações entre cidade-natureza, uma vez que nesse “processo de produção participa a própria natureza, que não se mostra passiva na interação que estabelece com o homem, assim como não determina comportamentos diante dessa mesma interação” (Trindade Júnior, 2021, p. 92). Ambientes e elos se ligam através da cultura ou se degradam em uma relação negativa sob a égide do capital. De todo modo, os pontos de interstício na cidade (as beiras de rios e limites da floresta) e as manifestações socioespaciais evidenciam esse fluxo que se faz sem hierarquias, em um hibridismo funcional ambiental das especialidades amazônicas, entre códigos, cantos e contos ou entre pontes, palafitas ou feiras. No espaço da cultura revela-se que “[...] não há separação dicotômica entre sociedade e natureza e que a paisagem não é estática, mas está permanentemente sendo construída, e por isso, em movimento” (Oliveira, 2003, p. 31).

### **Geografia(s) das palafitas urbanas**

“De alguma maneira é preciso morar [...] pois não é possível viver sem ocupar espaço”, afirma Rodrigues (1991, p. 11). Em Manaus, no caso das populações que não têm condições de comprar uma casa ou um lote de terra<sup>6</sup>, mora-se em cima das águas. Assim se constitui uma forma histórica de habitação precária que marca a paisagem de inúmeros canais fluviais ao longo da cidade: as palafitas.

No caso de Manaus, Maciel (2016, p. 262), classifica a tipologia das palafitas enquanto assentamentos precários. A noção de precariedade se caracteriza em função da “[i]nsegurança do direito à terra, a existência de padrões urbanísticos sem qualquer tipo de qualidade, e à ausência de infraestrutura básica entre outros”. A especificidade ambiental revela o meio pelo qual a desigualdade na produção do espaço se desenvolveu ao longo das cidades amazônicas. As cidades estabelecidas ao longo de canais fluviais têm sua malha urbana entrecortada por bacias hidrográficas. No caso das capitais, as várzeas foram historicamente espaços de

---

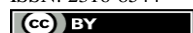
<sup>6</sup> Segundo o estudo de Maciel (2016), esse grupo social recorre à produção de habitações em assentamentos precários, aos quais têm por tipologia habitacional encontradas em Manaus habitações precárias localizadas nas áreas de platôs, prédios ocupados e ocupações às margens dos igarapés.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

ocupações pelos mais pobres. É nesse sentido que Sakatauskas (2020) define que a precariedade habitacional tem na Amazônia ribeirinha uma especificidade que se dá pelo ambiente marcadamente aquático, o qual fez com que a produção das palafitas estivesse na paisagem dos canais fluviais urbanos. Essa especificidade regional é resultado do sistema social, do ambiente e da técnica, ou seja, a análise dessas habitações deve compreender não apenas o aparente, mas o contexto urbano histórico amazônico da produção da moradia:

Mesmo guardando características regionais, o problema habitacional nessas cidades ribeirinhas amazônicas revela o padrão de urbanização desigual que é marca das cidades brasileiras. O nível da urbanização, o desenho urbano, as manifestações das carências da população são realidades que devem ser analisadas à luz dos subprocessos econômicos, políticos e socioculturais, assim como das modalidades de uso do território em diferentes momentos históricos (Sakatauskas, 2020, p. 231).

A necessidade da moradia, evidenciada pelas palafitas, mostra uma forma tradicional de habitação dos povos amazônicos, a qual no âmbito urbano se transmuta do tradicional para o desigual processo de busca pela moradia na cidade. Desigualdade essa que se revela a partir do ponto de vista da paisagem (forma), através dos diferentes modos de aproximação com as águas. Um dos exemplos se dá a partir das margens da cidade, onde no encontro com as águas a diferenciação de classes leva à apropriação da natureza enquanto amenidade para os grupos sociais de classe mais alta, como acontece no bairro do Tarumã, com acesso exclusivo ao rio pelos condomínios fechados e mansões. Na imagem abaixo (Figura 1), rio e casa estão em uma relação que se complementam — natureza apropriada como paisagem, comum para classes com maior poder aquisitivo (Bartoli, 2011; Guglielmini, 2005, p. 178). Na segunda imagem (Figura 2), casa-água aparece a partir de uma relação mais complexa, onde a água é espaço adaptativo (moradia, locomoção). Para esses grupos que habitam incluídos precariamente na cidade, restam as palafitas de madeira com contato com as águas dos canais poluídos, inundações periódicas e perda de móveis e riscos ao corpo (AREB, 2022).

**Figura 1:** Mansão com acesso ao rio no bairro Tarumã (zona oeste de Manaus)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



# Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF



Fonte: Instituto Durango Duarte (2007)

**Figura 2:** Palafitas no bairro Educandos (Zona Sul de Manaus)



Fonte: Guenter Manaus/Shutterstock/IABsp/Archdaily (2020)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:  
AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.  
Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.  
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

As palafitas que aparecem sobre as águas refletem as contradições da metrópole Manaus, que concomitantemente ao espraiar grandes objetos como pontes, viabilizando a expansão da cidade para além do Rio Negro através do mercado imobiliário, continua presenciando palafitas estendidas sobre as águas na área urbana da cidade. Nesse movimento, estas casas atuam simbolicamente como marcos distintivos da exclusão. Esse processo é parte da configuração de um espaço da ordem mercadológica da terra, o qual exclui, ao mesmo tempo em que inclui sob uma nova dimensão: inclusão precária. Desta forma, este é um processo em curso, histórico, o qual ganha especificidades em cada escala. Se afirmamos que é um processo, é por que tem em si uma lógica, e assim o é, pois “é necessária uma certa geografia, uma certa configuração espacial (segregação) para viabilizar a dominação através do espaço” (Villaça, 2001, p. 359 *apud* Bartoli, 2011, p. 50).

A análise desse processo segregador, que no caso das palafitas se dá nas margens, pode ser compreendida através das diferentes relações sociais que se deram na produção do espaço urbano de Manaus marcada pelo signo da “exclusão territorial” (Barbosa, 2017, p. 27). A “exclusão territorial” tem um duplo aspecto, processo social mais organização espacial que configura a espacialização das palafitas às margens. Nesse sentido, é possível compreender que as palafitas, geograficamente são resultado de um processo espacial, ou seja, como define Corrêa (1979, p. 101), “são os processos espaciais responsáveis imediatos pela organização espacial complexa que caracteriza a metrópole moderna”. Os processos espaciais são uma mediação entre os processos sociais e a organização espacial (Corrêa, 1979, p. 101). Dentro dos tipos de processos espaciais elencados pelo autor, podemos reiterar a segregação como marcador teórico para compreensão das palafitas pela sua localização em áreas de risco, insegurança jurídica, física e social, para além, esses moradores se encontram em certa “uniformidade populacional” que incide a criação de “áreas uniformes” ao qual caracteriza Corrêa (1979, p. 106) como “de um lado, a distribuição da renda da população e, de outro, o tipo de residência e a localização da mesma em termos de acessibilidade e amenidades”.

Nesse sentido, a leitura que se pode fazer acerca das palafitas como espaço segregado se dá pela homogeneidade social interna dessas áreas, como um grupo que compartilha a mesma tipologia habitacional, estão incluídos em programas sociais, experimentam infraestrutura

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

deficitária e tem uma renda que os exclui do processo de aquisição de casa pelo mercado imobiliário ao qual os levam a ocuparem palafitas às margens de rios, gerando um processo de diferenciação residencial com os demais setores habitacionais da cidade.

Na história da produção do espaço urbano de Manaus, a ocupação dos igarapés da cidade segue duas tipologias habitacionais nos leitos urbanos através de dois diferentes momentos: Cidade flutuante (1922-1965) e as palafitas (intensificação após a implantação da Zona Franca em 1967). Em ambos os eventos, houve uma descentralização das casas, partindo da região central da cidade e adentrando os canais urbanos no espaço intraurbano (Barbosa, 2017, p. 49). Refletindo nesse processo é possível compreender que houve uma periferação das palafitas, no sentido de que, hoje, as palafitas que antes surgiram no núcleo central, podem ser encontradas em vários igarapés ao longo da cidade, se constituindo em uma das paisagens que marcam a precariedade nas periferias de Manaus.

Dentro do contexto urbano, as palafitas se constituem não na habitação ideal, mas na habitação possível. Do aparente ao conteúdo, a discussão que cerca as palafitas, tem na sua primeira impressão a precariedade como manifestação da pobreza pela falta de acesso à habitação ideal e no plano do não-visível a análise se centra nos processos socioespaciais construídos na inter-relação social-topografia que marcam as áreas inundáveis. Essas duas discussões podem ser feitas tendo como exemplo a geografia das palafitas na área urbana de Manaus, discutindo sucessivamente (1) questão habitacional e (2) relação socioespacial.

(1) O sistema social ao qual se vincula a aquisição da habitação no sistema capitalista é o regime de propriedade privada, nesse sentido, a diferenciação residencial ao longo da cidade entre as áreas nobres e populares se constituem enquanto “uma projeção espacial do processo de estruturação de classes” (Corrêa, 1979, p. 106), tornando a cidade um reflexo do próprio sistema econômico da sociedade, temos a cidade como produto social, como afirma Oliveira (2003, p. 30): “A cidade é produto das relações sociais que se especializam como resultado do modo de ser de uma sociedade em espaços-tempos específicos”. Essa engrenagem social, que determina o lugar das classes na cidade, tem no bojo a sua lógica motriz de diferenciação de classes, mas que localmente se manifesta a partir de especificidades, revelando o estabelecimento de diferentes processos a partir de uma mesma lógica.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

No caso de Manaus, essa espacialização não segue as determinações ambientais, por outro lado, o ambiente é o lócus da intervenção humana que influi mais ou menos sobre quem o habita conforme a capacidade de intervenção de determinado grupo social. Moradores de condomínios às margens dos rios como em bairros da Ponta Negra e Tarumã<sup>7</sup> tem maior capacidade de pagar pela intervenção no ambiente das águas de modo que a natureza torna-se amenidade sob a apropriação desses grupos do que moradores das palafitas que em sua impossibilidade de intervenção nas áreas úmidas, experimentam a natureza sob o signo da catástrofe vivendo inundações periódicas, assim, “não é a morfologia que determina o modo como a cidade é ocupada, mas o que lhe crescem os homens” (Oliveira, 2003, p. 34). Nesse sentido é que é possível compreender que a espacialização das palafitas na cidade quando inserida no interstício cidade-natureza, sofre os impactos do ambiente de infraestrutura precária ou ausentes em que os ciclos das águas comandam a vida dos habitantes seja pela apreensão das cheias, preparação da casa na vazante ou na suspensão dos bens, construção das marombas ou mudança de casa na cheia.

No caso de Manaus, a configuração urbana que empurra os mais pobres para os limites da cidade, inclusive para cima das águas, se faz através do mecanismo de especulação imobiliária, onde os mais pobres são relegados às áreas inundadas da cidade, menos valorizadas, configurando uma malha urbana que se constrói pelo processo de exclusão, com mecanismos de espoliação, encarecimento da terra urbana que dificultam o acesso à moradia, criando uma cidade acessível apenas para alguns, cidade fragmentada, de modo que Bartoli (2011, p. 51) afirma que “a separação entre grupos obedece uma certa lógica, e não de modo aleatório, com possível existência de uma forma típica de distribuição dos grupos sociais no espaço”. Não de modo aleatório, a financeirização do solo concentra a exclusão das melhores áreas pelo modelo social de acesso à terra, ou seja, modelo produto das relações sociais.

---

<sup>7</sup> O rio que margeia o bairro chama-se Rio Tarumã-Açu e faz parte da Bacia do Tarumã-Açu. Este rio vem sofrendo diversos impactos por margear a cidade de Manaus tendo nele: “marinas, loteamentos, hotéis de selva, condomínios residenciais de alto padrão, ocupações desordenadas, restaurantes, flutuantes domiciliares e comerciais cujas ações geram impactos ambientais, diretos e indiretos”, como poluição das águas com óleo de barcos, esgotos, resíduos sólidos, desmatamento e assoreamento (Melo; Romanel, 2018, p.2). Apesar de possuir um Comitê, a gestão não conseguiu intervenções significativas devido à falta de recursos (Melo; Romanel, 2018, p. 2).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## *Ensaio de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

(2) Para além da materialidade, esses espaços estão envoltos de relações socioespaciais que evidenciam a segregação, só possível de serem aprendidas na análise do cotidiano, assim, “[...] a paisagem está para além da aparência e por isso sua discussão enquanto urbano tem que ser vista a partir do encadeamento das ações sociais que resultaram em espacialidades” (OLIVEIRA, 2003, p. 29). Essas espacialidades se manifestam a partir de um marco distintivo que é o canal fluvial, nessa geografia que vai se dando entre água-terra firme, as marcações de classe se dão sobre a topografia do ambiente, alguns estudos locais servem para demonstrar esse processo.

O trabalho de Ramos, Silva e Lima (2022) aborda a expressão da segregação e diferenciação espacial a partir de habitações próximas às margens, nas margens ou sobre os canais fluviais com pontes em trechos “das comunidades do Bairro da União e demais setores do bairro Parque Dez de Novembro e do trecho limítrofe dos bairros Japiim e Distrito Industrial I”. Na primeira área de estudo que corresponde a um igarapé como divisor entre o Bairro da União (margem direita/ocupação urbana) e setores do bairro Parque Dez de Novembro (margem esquerda) que inclui condomínios, o dados mostram que existe uma diferenciação econômica, social e disparidades de infraestrutura e condições de moradia entre os dois lados da ponte, ao qual lados opostos se opõem imagética e qualitativamente, estrutura socioespacial parecida encontrada na segunda área de estudo ao longo do Igarapé do 40. Essa geografia se dá através de uma estrutura topográfica que une o simbólico ao ambiente físico criando marcadores sociais distintivos expressos na paisagem<sup>8</sup>.

O que refletir sobre essas distinções? Por qual motivo, a estigmatização dos espaços úmidos se adequa a um quadro de inferioridade social? Corrêa (2022) responde essa questão baseada em seu estudo em uma área de “Rip-Rap” ao longo de uma comunidade inserida no bairro Petrópolis na zona sul de Manaus. A comunidade Santa Clara é categorizada como “baixada”, logo na rua acima a “parte alta” que é “boa para morar” corresponde a um trecho da Avenida André Araújo no qual se encontram condomínios de classe média baixa e alta. As

---

<sup>8</sup> Ramos (2022, p. 219-220) mostra que nas relações entre igarapé versus terra firme, há uma distinção social que se refere às condições ao qual cada grupo se insere em relação ao curso d’água, de modo que “ele não perceberá o outro como igual, o que está ‘lá em cima’ longe do fundo de vale e o ‘do outro lado’ da ponte, que pertence a um outro grupo social, portanto, diferente”.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

Essays of Geography | POSGEO-UFF

distinções entre a parte alta e a baixada se mostram claras a partir de um movimento de desprezo pela cultura interna da comunidade e pela imagética associada à pobreza ao qual a “baixada” evoca, assim, é possível refletir que “quanto mais precarizado se mostra o ambiente de moradia, mais se abrem precedentes para sua estigmatização” (Corrêa, 2022, p. 21). Dentro da comunidade, os grupos se territorializam e criam topônimos diferentes baseados em sua relação com a proximidade com as águas do igarapé, os espaços dividem-se internamente em “Beco da Morte”, “Chavascal” e “Bodozal”. Para os “de fora” da parte alta, a comunidade ganha o estigma de “lugar perigoso” onde a precariedade associa-se a moralidade, em um processo que estigmatiza os moradores pela condição de habitação, assim a baixada torna-se o lugar violento e de pessoas violentas, percepção recorrente na cidade de Manaus com relação aos espaços alagados (Corrêa, 2022, p. 44). A autora conclui que a imputação de marginalização dos grupos que moram ao longo das margens tem na distinção de classe aspectos como criminalização e estigmatização ancoradas no simbolismo da pobreza.

Para sintetizar a ideia de uma geografia das palafitas urbanas, compreende-se que a discussão sobre a habitação precária, degradação ambiental, segregação e acesso à terra urbana são elementos centrais para a conformação de áreas palafíticas na cidade. O ambiente aquático e úmido aliado à pobreza e dificuldade no acesso à terra firme conforma áreas palafíticas na cidade, marcando na paisagem urbana forte diferenciação residencial. É através da “exclusão territorial” (Barbosa, 2017), que a desigualdade se assenta sobre a morfologia urbana e produz diferenciações da topografia com marcas sociais, distinções feitas entre o aparente e o não-visível nesta trama que é a produção das palafitas.

### **Palafitarização da vida: da construção do conceito a apreensão sensível da vida em palafitas em Manaus (AM)**

O termo “palafitarização” é proposto para pensar no processo de necessidade a recorrer a habitações de palafitas para poder habitar na cidade. Esse processo envolve momentos e tem suas implicações referentes ao habitar em áreas inundáveis, ou seja, constitui um processo amplo e histórico que não se finda com o construir da moradia, mas antecede a construção da palafita e envolve todas as problemáticas referentes ao habitar precariamente, desde a produção

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

da periferia, a falta de infraestrutura que impacta o cotidiano, estratégias e a dimensão simbólica da segregação.

Na produção do espaço urbano da cidade de Manaus, historicamente, a lógica da posse da terra foi pela “retenção dos terrenos por parte de grupos privados”, desse modo, os investimentos utilizados para expansão da cidade seguiam os caminhos dos empreendimentos imobiliários particulares (Oliveira, 2007, p. 58). Com a crise da borracha, a cidade de Manaus atraiu a população do interior do estado, de modo que “[e]stimativas apontaram que somente em 1922 chegaram cerca de 10 mil migrantes vindos da zona rural, especialmente dos vales do Madeira, Purus e Juruá, considerados rios seringueiros” (Oliveira, 2007, p. 59). Entre outros espaços, a possibilidade de habitar na cidade se deu às margens dos igarapés, as populações mais pobres foram empurradas para as áreas de risco, baixadas, áreas inundáveis, lugares onde não se encontra a especulação imobiliária do grande mercado, nessas áreas, à beira de rio tornou-se um espaço “como a periferia de um sistema urbano que literalmente marginalizou populações do acesso à moradia digna na cidade” (Bechan, 2003 *apud* Oliveira, 2007, p. 60). Assim, a “beira”<sup>9</sup> não apenas territorializa-se como espaço da precariedade, mas adentra o plano simbólico da distinção social, como afirma Guglielmini (2005, p. 71): “[a] beira passa a ser o lugar dos pobres, das palafitas, da “desordem” imposta pela ocupação desordenada, sendo esses lugares em geral qualificados enquanto periferia”.

O trabalho de Oliveira (2007) sobre a vida cotidiana ao longo da beira-rio no bairro Educandos, zona sul de Manaus, evidenciou ao longo da Avenida Beira Mar (atual Rua Vista Alegre) como há uma tendência nessas áreas de encontrar muitos moradores provenientes de municípios do interior do Estado (Oliveira, 2007, p. 86). Esses moradores mais antigos que habitam em palafitas estão ali há cerca de 40 a 50 anos, e constituem “os remanescentes de um grupo bem extenso que compunha o quadro dos que primeiros construíram suas casas na beira-rio de Educandos” (Oliveira, 2007, p. 86).

Atualmente, as relações com a casa envolvem a temporalidade, aliada às condições materiais e econômicas dos moradores. Em pesquisa realizada ao longo das palafitas localizadas

---

<sup>9</sup> Termo regional referente aos espaços de margens de rios.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## *Ensaio de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

no bairro de Educandos<sup>10</sup>, foi possível encontrar moradores antigos, aqueles que chegaram com seus pais e presenciaram a construção das casas. Há moradores que construíram suas próprias casas — são aqueles que residem há quarenta, trinta ou vinte anos no local — e existem moradores que compraram suas casas no local.

A partir do estabelecimento, a vivência nas casas de palafitas revela uma especificidade da habitação em áreas alagáveis: o constante reparo. É um ciclo de reconstrução que perdura. A época de cheia, em que as casas ficam inundadas, faz com que a madeira da casa apodreça, e com o início da vazante dos rios inicia a temporada de reforma da casa, com as trocas das madeiras. A troca das madeiras esbarra no preço. Uma vez que madeiras são caras, nem sempre é possível comprar novas, de forma que opta-se pela reutilização em alguns casos, o que dá a algumas palafitas a aparência de mosaico, com tábuas diferentes umas das outras em cor e tamanho. É comum encontrar ao longo dessas áreas casas de palafitas abandonadas, disponíveis para venda ou fechadas até se iniciar o período de (re)construção. Isso ocorre por motivos pessoais ou por motivos estruturais. O abandono de casas acontece quando suas condições estruturais já as impedem de serem habitadas — para se evitar tombamentos, tranca-se a casa ou se a abandona. Esse processo mostra que o habitar em casa de palafitas está intimamente relacionado ao impacto das águas nas condições de moradia. Constatou-se que esse espaço é o da moradia que se fez possível, visto que muitos dos moradores almejam sair do local. O esquema abaixo ajuda a entender o fluxo (Figura 3):

---

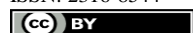
<sup>10</sup> Se refere ao conjunto de palafitas localizados ao longo dos becos Inocência de Araújo e Manoel Urbano nas margens do igarapé dos educandos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

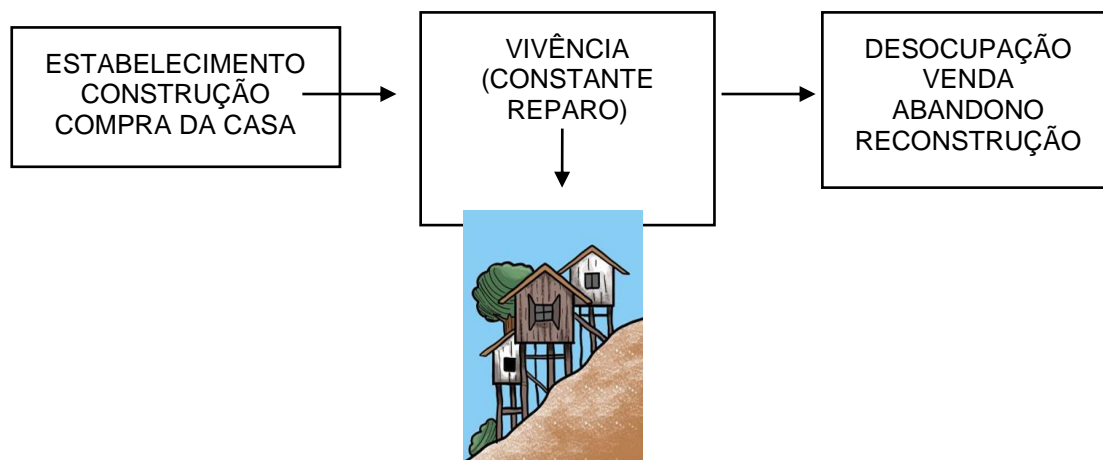
Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

**Figura 3** – Fluxo da dinâmica habitacional em palafitas



Fonte: O autor (2022)

Esse processo evidencia um primeiro aspecto da palafitarização da vida, que se refere à (re)produção desses espaços, baseado no espaço possível para construção, constante reforma e impacto do regime das águas em sua estrutura. No que se refere à chegada desses moradores no local, pode-se dividir em dois aspectos: **(1) Continuidade:** quando se nasce no local ou se chega muito criança; **(2) Emergência:** quando adulto, na impossibilidade de aquisição de terreno ou casa própria, sendo levado a construir casa de palafita ou comprar esse tipo de casa.

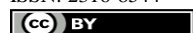
A dimensão material da palafitarização diz respeito à concretude desse processo. As casas têm seus modelos adaptados aos ciclos das águas e são uma incorporação da cultura amazônica dos ribeirinhos. Dentro da área urbana as palafitas têm uma peculiaridade. A sua transformação dentro do espaço urbano é uma transmutação entre a cultura tradicional amazônica — com a casa de madeira, o jirau, as janelas para o rio, os pátios abertos de acesso ao rio e/ou aos barcos — e a adaptabilidade aos códigos da metrópole — que se materializam nas antenas, no ar condicionado e nos cômodos de alvenaria (Figura 4):

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



## Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

**Figura 4:** Casa-palafita com ar condicionado e antena



Fonte: Márcia Calderipe (2022)

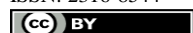
A pesquisa de Pereira, Silva e Barros (2011, p. 37-38) evidencia a relação cultura-natureza materializada na paisagem das palafitas. Segundo os autores, “a arquitetura das palafitas da cidade de Manaus é modelizada a partir de relações conflituosas que se dão entre natureza e cultura na Amazônia”. Esse aspecto mostra a diferenciação das palafitas urbanas e das palafitas rurais, de modo que a diferença tem seu ponto de ruptura no modo de apropriação desigual da cidade estabelecida no modelo urbano mercadológico de acesso à terra. Se as palafitas rurais estão em uma simbiose com a natureza, as palafitas urbanas são a cultura ribeirinha transfigurada sob o âmbito do capitalismo, “cuja urbanidade surgiu do encontro nenhum pouco harmonioso com a cultura cabocla ribeirinha” (Pereira; Silva; Barros, 2011, p. 38). Desse modo, as palafitas não apenas incorporam os objetos da metrópole (capital) em sua arquitetura, mas também expressam a desigualdade na forma como estão dispostas na cidade e

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



## Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

em como seus habitantes são impactados pelo produto da degradação ambiental de uma cidade industrial.

A cultura não é sobreposta ao urbanismo — as palafitas se entrelaçam no movimento do cotidiano. De fato, ao longo das palafitas se experimenta a precariedade de forma intensa. Entretanto, no que se refere à estrutura das casas, há uma adaptação a esses ambientes. Isso se dá pelo fato de a cultura da cidade estar ligada aos igarapés. As ocupações daqueles que servem como catraieiros ou pescadores em áreas distantes contam em suas casas com áreas abertas para o igarapé, local de ancoragem de barcos através dos trapiches (Figura 5).

**Figura 5:** Pátios de fundo aberto para o igarapé servindo como atracagem para barcos



Fonte: Márcia Calderipe (2022)

Esse aspecto leva a compreender que existe uma relação intersticial entre urbano-natureza que tem as palafitas como ponto fronteiro (Pereira; Silva; Barros, 2011, p. 37). Essa

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## *Ensaios de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

apreensão nos leva a refletir que as palafitas constituem áreas intersticiais dentro da cidade pela sua disposição fixada entre o domínio da água e da terra firme. Para além da localização, os conteúdos dessa relação também são intersticiais, visto que os moradores experimentam o impacto do ciclo das águas e alguns navegam por elas, além de utilizarem o espaço da várzea na vazante, ao mesmo tempo que vivenciam o modo de vida urbano estando ligados a terra firme.

A ideia de entender as margens onde se localizam palafitas como interstícios é importante para compreender as cidades amazônicas, pois reflete a complexa, dinâmica e cultural relação com as águas. Pereira, Silva e Barros (2011, p. 37) apontam que essas áreas são uma “região limítrofe entre o rio e a cidade, que pode ser interpretada como uma região fronteira entre a cultura ribeirinha, [...] e a cultura urbana”. O texto de Soares e Silveira (2022, p. 146) mostra, através de estudo na Bacia do Uma, em Belém, que a intervenção técnica no canal leva a uma lógica de domínio sobre as águas — inclusive criando certa aparência de oposição entre o rio-cidade — quando, na verdade, a complexidade das aproximações no cotidiano fora dos planos técnicos urbanísticos revela aproximações com os cursos hídricos. Isso estabelece relações contraditórias do ponto de vista higienista, pois este liga a condição do Igarapé enquanto poluído à negação social deste. Entretanto, a pesquisa revela que “a ‘morte’ do curso d’água não é definitiva, e que as ideias de “igarapé” ou de “canal” são categorias negociadas e situacionais que variam conforme os pontos de vista. No mesmo sentido, o trabalho de Areb (2022) ao longo do Igarapé de Educandos em Manaus aponta que “[a] pesar das tensionalidades e conflitos com as águas, o igarapé do Educandos tem um caráter utilitário que o constitui enquanto água-trabalho/água-caminho” (Areb, 2022, p. 122). Esse caráter utilitário do Igarapé poluído mostra a complexidade das formas de apropriação das águas no ambiente amazônico, onde as relações são negociadas em níveis de possibilidade de uso, e a dicotomia se desfaz na medida em que o igarapé revela seu caráter dinâmico (Areb, 2022, p. 124). O Esquema abaixo ajuda a entender o fenômeno que as palafitas experimentam. Dois domínios, circunstâncias diferentes vivenciadas por quem habita entre dois polos. Nessa fronteira rio-cidade, a casa é o objeto dinâmico: reflete a arquitetura da tradição, incorpora códigos urbanos, recebe o impacto das águas, se deteriora e se reconstrói.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

Essa disposição da palafita reflete também em sua invisibilização dentro do meio urbano. Nesse sentido é que, de maneira aparente, os habitantes de palafitas, em sua condição de habitantes das margens, têm suas casas dispostas geralmente por detrás das edificações localizadas ao longo de ruas e avenidas em Manaus, tendo seu acesso por pequenos becos/vielas. Desta forma, a “marginalização” da edificação ultrapassa a dimensão simbólica e se manifesta em concretude espacial através das formas de se habitar em palafitas: “Os embelezamentos da cidade de Manaus, as infraestruturas construídas retiraram os pobres do alcance da visão, explicitando a divisão de classes na cidade (Oliveira, 2003, p. 24). Entretanto, as palafitas aparecem para quem chega à cidade, escondidas das ruas, mas aparentes por quem chega pelas águas. Pelas ruas aparecem os pequenos becos, vielas que revelam as construções escondidas por detrás dos prédios, um escape à cena urbana: “[...] a produção do espaço é sempre contraditória e o conjunto homogêneo esvai-se pelas contradições inerentes à sua própria lógica e, com isso, a fragmentação dos detalhes emerge (Oliveira, 2003, p. 24).

No ambiente palafítico, os moradores precisam ativar estratégias para lidar com as águas. Soares e Silveira (2022, p. 146) apontam como no meio urbano em uma cidade amazônica, os canais fluviais aparecem enquanto agência: “[a] força simbólica das imagens relativas ao corpo hídrico persiste como potência cosmológica amazônica na urbe – um ente não humano fluido – ainda que transfigurada na forma morta ou moribunda do canal”. As águas refletem um dinamismo no encontro com a cidade, fato que se mostra no Igarapé de Educandos em Manaus. O Igarapé de Educandos aparece como agente sobre a vida dos moradores, mesmo que em condição negativa: poluído, morto ou degradado. Os moradores dessas margens criam representações sobre as águas que falam de suas experiências em contato com elas, sejam entre os entes não-humanos, como os animais trazidos pelas cheias e inundações, seja com o forte

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

odor do Igarapé<sup>11</sup>, no banheiro<sup>12</sup> que bate nas casas e destrói as casas na cheia ou nas doenças advindas do canal poluído. Neste sentido, a palafitarização da vida mostra que as águas impactam não apenas sobre a casa, mas também sobre os corpos. Desse modo, pode-se refletir que “as agências não humanas emergem com a força que lhes é inerente, exigindo do humano um reposicionamento simbólico-prático diante de seus dinamismos” (Soares; Silveira, 2022, p. 146).

Espaços de palafitas possuem práticas específicas ligadas à falta de espaço, fazendo com que suas práticas se deem diante dos espaços possíveis. A temporalização da vida envolve o regime das águas, o qual leva a uma temporalidade das atitudes, adaptadas entre cheia e vazante. Nas palafitas do Igarapé do Educandos, durante a vazante, época de baixa dos rios, a parte seca do leito serve como criadouro de bichos como porcos e galinhas ou como depósito de materiais debaixo das casas. Para além, o leito seco também se transforma em espaço de lazer, para crianças brincarem ou para jogos de futebol entre os mais jovens. É também o tempo do reparo, limpeza do lixo, reconstrução e reforço das estacas de madeira das casas quando possível.

Na cheia, o leito é coberto por água, e também se pode acessar algumas casas pelo rio de canoa ou barco, uma vez que as águas invadem as casas. Constroem-se marombas, pequenas pontes de madeiras entre as casas, e dentro de casa, quando o chão é coberto pela água. Na espacialidade, entre a casa e a rua, fica os becos, pequenas vielas que se entrecruzam com outras, formando corredores que levam às ruas. No trabalho de Areb (2022, p. 14), definem-se os becos como “uma extensão da casa, pois as pessoas sentam em sua área colocando cadeiras,

---

<sup>11</sup> Uma das dificuldades enfrentadas pelos moradores das casas de palafitas é o forte odor com que precisam lidar. O mau cheiro decorre dos esgotos lançados nas águas e lixos orgânicos, em função dos quais ocorre um “represamento de águas altamente poluídas junto às margens, onde se instauram ambientes anóxicos que provocam a exalação de odores desagradáveis” (Projeto Geo Cidades, 2002 *apud* Ferreira, 2012, p. 34). Esse fato ocorre em quase todos os igarapés poluídos de Manaus que têm habitantes em suas margens, como mostra Corrêa (2022, p. 42) em um igarapé intraurbano no bairro Petrópolis em Manaus. Também Iribarrem e Calderipe (2020, p. 17) mostram a presença do mau cheiro “[...] por vezes fétido, devido ao lixo e esgoto acumulado abaixo das estacas de madeira de suas moradias” no bairro Distrito Industrial I e Calderipe (2017, p. 221-222), que, ao longo da Avenida Manaus 2000 nos limites do Bairro Japiim, analisa como o cotidiano dos moradores de palafitas é marcada pelo convívio com o constante mau cheiro, refletindo sobre como o Igarapé em sua “sua carga de contaminação por dejetos de várias naturezas, pode agir de forma tão violenta com aqueles que com ela convivem”.

<sup>12</sup> Categoria êmica, expressão amazônica que se refere às ondas que se formam quando os barcos passam.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## *Ensaio de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

as crianças brincam, os jovens se reúnem, é de onde se olha para dentro das casas”. Essa espacialidade que se constrói tem sua especificidade nas estratégias em lidar com as águas, os usos possíveis que se fazem na várzea com a descida das águas, as sociabilidades que se criam nos becos e as relações que se dão com o espaço da rua, a construção de um mundo próprio compreendido pela representação (Figura 6).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544

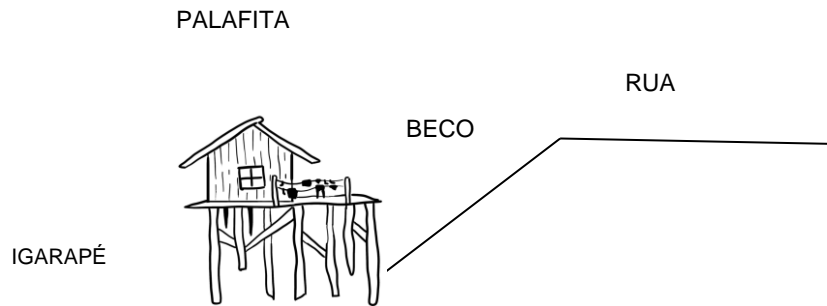


Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

**Figura 6:** Ambiente da espacialidade das palafitas na margem do Igarapé de Educandos



Fonte: Matheus Areb (2023)

Deste modo, a palafitarização pode ser definida como um processo social urbano específico em que a forma da habitação expressa uma generalidade variável e complexa. Esse é um processo socioespacial que coloca os habitantes da cidade em condições de alagados dentro do espaço urbano. Na necessidade de habitar, recorrem à tipologia vernacular da palafita e passam a enfrentar a vida em interstício na fronteira terra-água, que envolve o contato com águas, localizando-se em áreas úmidas. A palafitarização ocorre antes e durante o estabelecimento da casa, já que envolve as condições que levam as pessoas a morarem nesses espaços, como concentração populacional nas capitais, planejamento urbano desigual à demanda de habitação e baixos salários. Estabelecidos em palafitas precisam lidar com o constante reparo das casas, acidentes, perdas de bens, estratégias de adaptação, mobilidade pelos canais poluídos, contato com as águas na cheia. Essas áreas intersticiais na cidade urbano-natureza levam à formação de espacialidades específicas entre topografia e as relações sociais locais.

### Considerações finais

A casa-palafita se apresenta com complexidade contextual na sua forma adaptativa em que história regional-local se conjuga aos fenômenos espaciais mais amplos. Por meio de quatro momentos, buscou-se apresentar que, em síntese, a casa-palafita possui uma diferenciação geográfica e social no espaço urbano, apesar da estrutura da casa revelar um padrão histórico relativo à adaptabilidade à natureza em todos os ambientes úmidos-aquáticos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



# Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

A proposta de pensar uma geografia das palafitas urbanas a partir do caso de Manaus (AM) é um movimento teórico-prático de analisar a produção desses espaços a partir de conceitos alinhados ao seu mundo que diferem da produção de outros espaços de moradia na cidade como condomínios e casas em terra firme. Os resultados apontam que a experiência da habitação em palafitas em Manaus possui padrões em comum mesmo em áreas distintas no que se refere à segregação, à política habitacional deficitária, ao contato com a natureza poluída e ao impacto das águas. Essas experiências são diferentes de quem habita na cidade em áreas de terra firme, o que leva à constatação de que há uma diferenciação geográfica entre dois modos de habitar que leva a necessidade de construção de um conceito próprio para a experiência nessas áreas, o qual foi denominado de palafitarização.

O processo de palafitarização da vida é o termo que expressa a constituição de uma vida palafítica, ou seja, moradores de baixa renda, os quais, sem possibilidade de comprar lotes de terra em área firme, necessitam palafitarizar-se. O termo evoca um processo contínuo, que expressa as experiências de quem habita em palafitas urbanas. Alguns dos aspectos da palafitarização podem ser compreendidos como: (1) metamorfose capitalista da palafita ao adentrar o urbano, deixando o signo de casas junto a ribeiros (de ribeirinhos) em intensa conexão rio-floresta para se tornar símbolo da precariedade e pobreza nas grandes cidades; (2) invisibilização urbana; (3) constante reparo das casas, arcando com os custos das reformas; (4) adaptação da estrutura da casa em função do canal fluvial e (5) impacto do ambiente na qualidade de vida dos moradores (dimensão corporal). A heterogeneidade desses espaços evidencia as especificidades locais, sejam nas relações de aproximação e sociabilidades construídas entre moradores ou distanciamentos com outros grupos sob o espectro do estigma. A reflexão que se faz acerca da palafita como cultura é vital para entender o ponto de ruptura em que a casa-palafita sofre a transmutação de seu sentido tradicional original ao ser construída em meio urbano<sup>13</sup>.

---

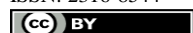
<sup>13</sup> O urbano ao qual se refere circunscreve-se (a priori) às grandes cidades, que atuam como polos atrativos através das múltiplas variáveis que as conformam em áreas centrais, as quais resultam em desigualdades socioespaciais. No âmbito das médias e pequenas cidades amazônicas, as palafitas possuem especificidades de contato ainda estreito com o ambiente natural. No que se refere à qualidade desse contato mediante as expressões de traços do rural no urbano, mesmo nos núcleos urbanos do município; essas experiências necessitam de estudos *in loco* para capturar a especificidade dessas escalas de análise.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



## Referências

AIRES, A.; CAROLINE, L.; CORREIA, P. H.; PANET, R.; ANDRÉAS, P. Miséria e Maré: estudos sobre as palafitas na comunidade da Portelinha. **Revista do CEDS**, n° 3, v. 1, 2015. Disponível em: <[chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://sou.undb.edu.br/public/publicacoes/rev.\\_ceds\\_n\\_3\\_miseria\\_e\\_mare\\_palafitas\\_na\\_comunidade\\_da\\_portelinha\\_anne\\_aires\\_lohane\\_caroline\\_e\\_paulo\\_henrique\\_correia.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://sou.undb.edu.br/public/publicacoes/rev._ceds_n_3_miseria_e_mare_palafitas_na_comunidade_da_portelinha_anne_aires_lohane_caroline_e_paulo_henrique_correia.pdf)>. Acesso em: 9 mar. 2023.

AREB, M. V. **A cidade e as águas enquanto dimensão simbólica entre os habitantes do Igarapé de Educandos - Manaus/AM**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2022. p. 147. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8990>>. Acesso em 02 jan. 2023.

BORDALO, C. A. O paradoxo da água na região das águas: o caso da Amazônia brasileira. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 120-137, 2017. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2017.107531. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/107531>. Acesso em: 4 jul. 2023.

CALDERIPE, M. R. F. A água só falta falar: memória, patrimônio ambiental e transformações na ocupação de áreas úmidas na cidade de Manaus, AM. In: MONTARDO, D. L. O; CALDERIPE, M. R. F. (orgs.). **Saberes e ciência plural: diálogos e interculturalidade em Antropologia**. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

CORRÊA, R. L. Processos Espaciais e a Cidade. **Rev. Bras. Geogr.**, Rio de Janeiro, 41(3): 100-110, jul./set. 1979. Disponível em: <<https://www.rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/1407>>. Acesso em 12 jan. 2023.

CORRÊA, S. A. L. Do igarapé ao Rip Rap: o processo de constituição da paisagem de um “lugar perigoso” em Manaus. **RURIS** (Campinas, Online), Campinas, SP, v. 14, n. 1, p. 18–48, 2022. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/17024>. Acesso em: 23 fev. 2023.

COSTA, F. E. V. SOMBRA, D.; BRASIL, A. de P. M. S.; SILVA, S. L. B da. A complexidade da questão dos rios urbanos nas cidades amazônicas: o caso de Belém/PA. In: RIBEIRO, O. de W.; BRASIL, A. de P. M. S.; COSTA, F. E. V. (Orgs.). **Cidades Amazônicas: formas, processos e dinâmicas recentes na região de influência de Belém**. EDUEPA, pp. 240-274, 2021. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/350032175\\_A\\_complexidade\\_da\\_questao\\_dos\\_rios\\_urbanos\\_nas\\_cidades\\_amazonicas\\_o\\_caso\\_de\\_BelemPA](https://www.researchgate.net/publication/350032175_A_complexidade_da_questao_dos_rios_urbanos_nas_cidades_amazonicas_o_caso_de_BelemPA)>. Acesso em: 04 jul. 2023.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## **Ensaio de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

FERREIRA, P. R. G. **Avaliação ambiental de sedimentos de fundo da sub-bacia do Igarapé Educandos (Manaus-AM) usando uma técnica de extração sequencial.** Dissertação (Mestrado em Química) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3345>>. Acesso em: 03 fev. 2023.

GEISSLER, H. J.; LOCH, C.; OLIVEIRA, R. Palafitas: Tipologias habitacionais em áreas costeiras em Florianópolis-SC. **LARES**, São Paulo, 2007. Disponível em:<[chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://lares.architexturez.net/system/files/LARES\\_2007\\_T082-Geissler\\_Oliveira.pdf](chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://lares.architexturez.net/system/files/LARES_2007_T082-Geissler_Oliveira.pdf)> Acesso em> 03 fev. 2023.

GOMES, C. M. T. **Degradação ambiental urbana e qualidade de vida nas áreas de manguezais ocupadas por palafitas em São Luís - MA.** 2001. 73 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/89827>>.

GUGLIELMINI, L. A. O. **Manaus à beira-rio: A produção e reprodução do espaço urbano.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA. Universidade Federal do Amazonas - UFAM. p.194, 2005, Manaus.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Aglomerados subnormais 2019:** classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à covid-19 – notas técnicas. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3JY2eLa>>. Acesso em: 24 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico 2010: Aglomerados subnormais primeiros resultados. **Censo demográfico 2010**, Rio de Janeiro, p.1-259, 2010. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=792>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

IRIBARREM, C. G.; CALDERIPE, M. R. F. R. **Percursos, imagens e sentidos:** etnografando os modelos insurgentes de habitar a cidade em Manaus. 32° RBA, 2020. Disponível em: <<https://www.32rba.abant.org.br/downloadpublic>>. Acesso em 20 out. 2021.

LEÃO, M. B. M. S. **Paisagem ribeirinha nas baixadas de Belém/PA:** usos e apropriações na bacia da Estrada Nova. Anais do XVII ENAPUR, 2017. Disponível em: <[http://xviienanpur.anpur.org.br/publicacoes/XVII.ENANPUR\\_Anais/ST\\_Sessoes\\_Tematicas/ST%206/ST%206.8/ST%206.8-01.pdf](http://xviienanpur.anpur.org.br/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.8/ST%206.8-01.pdf)>. Acesso em 12 mar. 2023.

MELO, S. F. S.; ROMANEL, C. **Gestão de recursos hídricos no estado do Amazonas:** o caso da bacia do Tarumã-Açu. 29° Congresso Nacional de Saneamento e Meio Ambiente, 2018. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.tratamentodeagua.com.br/wp-content/uploads/2019/04/9640.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2023.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

MENDES L. A. S.; HUGO, M. S. C. Das palafitas aos condomínios, das informalidades ao shopping center: A inserção do Bairro da Sacramento na estruturação urbano-metropolitana de Belém. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)**, (ISSN: 2359-0831 - online), Belém, v. 09, n. 01, p. 45 –66, jan.-jun. / 2022. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:RLH5fGZ4tNIJ:https://ihgp.net.br/revista/ojs/index.php/revihgp/article/download/22/24&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MENEZES, T. M. S.; PERDIGÃO, A. K. A. V. O tipo palafita amazônico: entre formalidade e informalidade do habitar na vila da barca (BELÉM, PARÁ, BRASIL). **Revista Projetar, Projeto e Percepção do Ambiente**, v.6, n.2, maio de 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/download/23710/14231/81815>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

NAVARRO, A. G. As Pequenas Venezas americanas: revisitando as moradias de palafitas nas terras baixas da América do Sul. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 85–120, 2022. DOI: 10.24885/sab.v35i2.959. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/959>. Acesso em: 9 mar. 2023.

NAVARRO, A. G.; COSTA, M. L.; SILVA, A. S. N. F.; ANGÉLICA, R. S.; RODRIGUES, S. S.; GOUVEIA NETO, J. C. O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: Estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas**. v. 12, n. 3, p. 869-94. set.-dez. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/F8n4zYkjbChqMFctJCzWrhC/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 09 mar. 2023.

NOGUEIRA, R. J. B. O banho de rio: um mergulho na tradição amazônica. **Confins** [En ligne], 53, 2021. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/44074#quotation>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

OLIVEIRA, H. S. **Vida cotidiana e ambiente na beira-rio de Educandos, Manaus-AM**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, p. 136, 2007. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2571>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

OLIVEIRA, J. A.; COSTA, D. P. A análise da moradia em Manaus (AM) como estratégia de compreender a cidade. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Vol. XI, núm. 245 (30), 2007. Disponível em: <<https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24530.htm>>. Acesso em 12 mar. 2023.

PIMENTEL, M. A. S. Ocupação das várzeas na cidade de Belém: causas e consequências socioambientais. **Revista Geonorte**, Edição Especial, V.2, N.4, p.34 – 45, 2012. Disponível

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, n° 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/download/2056/1935/6089>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

PEREIRA, M. F.; SILVA, M. A. S.; BARROS, T. D. Palafitas de Manaus: relações entre natureza e cultura no espaço da cidade. **Somanlu**, ano 11, n. 2, jul./dez. 2011. p. 15-40.

RAMOS, A. A. A relação da produção do Espaço Urbano com Toponímia na Metrópole Manaus-AM: Análise dos casos do Igarapé do Quarenta, Bairro da União e Manaus 2000. **Revista GeoAmazônia**, Belém, v.10, n.20, p.199-223, 2022.

RAMOS, A. A.; SILVA, F. B. A.; LIMA, M. C. Processo de segregação e diferenciação socioespacial em Manaus – AM. **RPPR**– Rio de Janeiro– vol. 9, nº 2, maio- agosto de 2022, p. 200- 243. Disponível em: <<https://www.revistappr.com.br/conteudo.php?m=NDg3&l=pt>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ROCHA, F. M.; TANCREDI, N. S. H.; SANTOS, N. T. dos. Cartografia digital aplicada ao mapeamento da Vila da Barca como suporte à Educação Ambiental crítica, Belém (PA). **Revbea**, São Paulo, v13, n3: 58-75, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2526>>. Acesso em: fev. 2023

RODRIGUES. A. M. **Moradia nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 1991.

ROOSEVELT, A. C. Os Warao do delta do Orinoco: uma cultura de palafiteiros. Tradução de Alexandre Navarro. **Tessituras**, v. 10, nº 1, Pelotas, RS, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/21818>>. Acesso em 01 dez. 2022.

SILVA, C. S.; BATISTA, D. C.; OLIVEIRA, D. G.; JESUS, E. Q. de. **Urbanização em Belém do Pará**: uma análise do projeto de urbanização e habitação da Vila da Barca. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, UFES, Vitória-ES, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22187>>. Acesso em: fev. 2023

SOARES, P. P. M. A.; SILVEIRA, F. L. A. de. Transformações urbanas nas paisagens hídricas de Belém (PA): reflexões sobre memórias ambientais e as interações entre humanos e não humanos na Bacia do Una. In: PEREIRA, J. M.; SILVEIRA, F. L. A. de. (Orgs.). **Pensando as cidades brasileiras no contemporâneo**. São Luís: EDUFMA, 2022. p. 142-169.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). **A Produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. 1.ed., 6ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018. p. 123-145.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

AREB, Matheus Vieira. GEOGRAFIA(S) DA(S) PALAFITA(S): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus-AM. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 22, pp. 175-206, setembro-dezembro de 2023.

Submissão em: 22/05/2023. Aceito em: 05/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons